

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS

Ano... 10\$00 Semestre... 5\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS

Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR-Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR-P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL,

PELO HOSPITAL

Correm, nos prasos legais, as operações ordinárias do recenseamento dos Irmãos da Santa Casa do Hospital e Misericórdia desta vila.

Assegura-se que a Comissão administradora está no propósito de fazer realizar as eleições na época própria, ou seja no 1.º domingo de junho, se concorrer a maioria dos Irmãos de Barcelos e Barcelinhos, ou no 2.º, se tal não suceder.

E' pois asado o momento para repetirmos as considerações que por vezes temos feito, no intuito de concorrermos para o progredimento material e moral daquela santa instituição de Caridade e de conseguirmos benefícios para os enfermos desprotegidos e velhos abandonados que, pelo desenrolar dos acontecimentos passados, veem a protecção a fugir-lhes e o socorro a faltar-lhes.

Falemos claro. Urge arrear para muito longe da eleição a politica partidária. O contrário será a morte de tão benemérita e cristã instituição. E' preciso que de facto se erga a bandeira branca da misericórdia, simbolo de paz e de caridade, e que nas suas dobras todos caibamos. E' preciso organizar uma lista em que **todos** os Irmãos possam votar.

E' preciso voltar à pristina e gloriosa intenção, que presidiu à fundação destas Santas Casas—o exercício lido da Caridade.

Sim! Foi da Caridade que surgiram, com o frescor das manhãs orientais, as Misericórdias, fundadas em Portugal em 1498, com o concurso do espanhol Fr. Miguel Contreras, religioso trinitário, com a sua bem organizada cabeça e actividade incansável, e da Rainha D. Leonor de Lencastre, que foi esposa de D. João II, que a estas instituições applicou os seus bens próprios e os que herdou dos Reis, seu marido, seu irmão e seu sobrinho. Se D. João II preparou a armada que no reinado de D. Manoel havia de descobrir o caminho marítimo para a Índia, D. Leonor pôde cingir a preciosa coroa das suas glórias com a instituição das Misericórdias.

Voltemos, então, à pristina intenção que presidiu à fundação destas Santas Casas... Como a alma se nos enleva, em emoções de saudade, ao meditar nos seus cristianíssimos exórdios, ou fundamentos! Ouçamos o insigne escritor Conde de Sabugosa:

Fr. Miguel Contreras, esmolando pelas ruas da populosa Lisboa, sempre acompanhado de um anão grotesco, que o seguia com submissão de animal doméstico, e precedido de um jumento pacífico em cujos ceirões recolhia os donativos do povo generoso, percorria os bairros centrais, subia as vielas de Alfama, entrava nos lugares da Ribeira e nas tabernas do Mal cosinhado, nas alfurjas

da Judaria grande, nos arcos do Rocio, onde os roupaveleiros e os adelos faziam estendedouro—a Caridade não se recinge a limites acanhados—batia aos portões dos palácios dos nobres e às portarias dos conventos e, depois de cheios os alforjes, porque a colheita nunca era escassa, lá ia, arrimado ao bordão nodoso, levar os produtos da precação aos pobres seus amigos, que o esperavam no pátio da Sé, aos doentes, que se estendiam nos adros das igrejas e às crianças a quem faltava o pão e agasalho e entrava no hospital recentemente instituído a levar conforto aos moribundos.

No púlpito da catedral, pregava também ao povo, aos nobres e aos reis, não como um doutor da Igreja, dissertando sobre pontos de metafísica, ou de teologia, nem desafiando subtilidades, nem architectando periodos inatingíveis à compreensão dos ouvintes, mas, rasteiramente e com a eloquência das almas lavadas, ensinava a prática do bem, as doçuras de exercer a Caridade, a satisfação de remir cativos, arrancando-os à sanha da moirama, de curar os gafos, devastados pelo mal de Lázaro, de consolar os tristes prisioneiros, de levar conforto aos padecentes que iam à força.

Restimindo: entre o ânimo caritativo da Rainha e o do monge trinitário, estabeleceu-se um parentesco espiritual, nascido das afinidades que os aproximavam, e fundou-se a Misericórdia de Lisboa. E bem depressa esta instituição da capital se estendeu pelas províncias, onde já havia albergarias, hospitais e outras casas de caridade, que se compreendiam nas atribuições do vasto campo das Misericórdias.

Em 1755, no continente existiam 231 Misericórdias. Dado o cunho e carácter de perpetuidade destas instituições, é de supôr que hoje seja o mesmo número.

E' preciso que a tódas anime o mesmo primitivo espírito de caridade, porque a beneficência dela separada, dela, que é filha do cristianismo, é fria e gelada. E' preciso que os bafejados da fortuna depositem nas suas mezas administradoras absoluta confiança, para que venham em seu auxilio, com o óbulo da sua generosa caridade, e as misérias se aliviem, os pobres se socorram, os velhos se agasalhem e os enfermos se alberguem.

E' preciso abater a bandeira da politica, para desfraldar ao vento a bandeira da misericórdia.

A comissão concelhia do Centro Católico, cremos nós, não ficaria de bem com a sua consciência se não oferecesse os seus serviços, para servir de medianeira, entre as diversas facções ou partidos, no sentido de se organizar,

uma lista em que todos possam votar.

Escolham-se homens de comprovada dedicação e que disponham de tempo e de boa vontade, militem eles no partido A. ou no partido B. e, quanto possível, fora de pronunciada actividade politica.

Vamos a tempo? Ouvem-nos todos?

Se não formos escutados, em casa ficaremos, embora com máguia.

Mas, nem lucrará a Casa dos pobres, nem a causa dos pobres. Dizemo-lo sem rebuço e no cumprimento duma causa sagrada, a que a nossa consciência chama o Dever.

Barcelenses: Unamo-nos em volta da bandeira da Misericórdia que, no alto, tem uma Virgem de manto azul, sustentada por dous anjos.

Confiemos na sua protecção.

Barcelenses: Tomemos a sério a causa dos pobres.

Nada de lutas, nem de eleições disputadas. Organize-se uma lista *pro Misericórdia* e nela confiadamente todos votemos.

Salvem os e fecundemos briosamente esta santa instituição, que foi o orgulho dos nossos antepassados: Uma lista, com prévio acôrdo, que saia unanimemente triunfante e que os seus membros afincadamente se devotem ao bem dos seus semelhantes, ao exercício da Caridade, que guarece dores e cicatriza chagas, que cura enfermos e ampara a velhice.

Vamos a trabalhar na paz, na harmonia, no bem, com um armistício de honra na politica?

MÃE E FILHA

**O novo... ariete contra o Centro
O cacarejado programa monárquico em pendant
Com as furibundas diatribes do sr. Sá Pereira & C.ª**

Impossibilitados de ocultar e contestar, perante o público ilustrado, os erros e tropelias que no passado se cometeram contra a Igreja sob a monarquia—herança nefasta que a rep., tarada de vícios similares, a si avocou, sôfrega, avara, numa exacerbação impolitica, insensata, de fobia anti-religiosa—vêm agora os nossos indómitos adversários do Centro apontando para o futuro, um futuro ridente, fascinador, redentor.

Teve a m. erros no passado, mesmo sob o ponto de vista religioso?—Pois, expiados esses erros, expurgados esses vícios durante os anos de ostracismo e perseguição, ela, a m., ressurgirá, e breve, mas depurada, limpa, perfeita, ubertosa, acolhedora, dadivosa, asseveram eles. Para isso, reclamam com espanto e agitam com frênesi as bases do programa em que, a 7-3-1924, assentou o Conselho Superior da Política Monárquica, reunido sob a presidência do Lugar-Tenente do sr. D. Manuel.

Para ajuisarmos do valor desse apregoado documento da sua in-

ficiência como arma de combate, em que tanto finca-pé fazem, contra o Centro, transcrevemos a parte respeitante às relações da m. com a Igreja. Diz:

I

«Sendo Portugal um país cuja formação religiosa foi católica, tendo sido a dilatação da Fé e do Império o tema com que a Nação levou aos confins do orbe a civilização crista; tendo sido a religião católica a primeira organização a ser atacada, perseguida, vexada e combatida por tódas as formas pelo regimén republicano; representando ela, entretanto, a crença religiosa de, com certeza, a quasi totalidade da população portuguesa e sendo ainda certo que no cataclismo presente a Igreja Católica uma vez mais afirmou a importância da sua acção social,— não pode a causa monárquica deixar de reconhecer e proclamar que as relações entre a Igreja e o Estado devem ser firmemente estabelecidas pelo meio dum *acôrdo* com a Santa Sé, garantindo à Igreja, com a sua hierarquia reconhecida e com a sua personalidade civil legalizada, a mais ampla acção social. A liberdade de associação religiosa será regulada pelo mesmo *acôrdo*.

II

A causa monárquica reconhece perfeitamente que, sob a denominação de escola neutral, se disfarça o ataque às crenças religiosas, principalmente as católicas; todo o laicismo tem por fim expulsar Deus da vida dos povos. Representando aquela uma Nação, entende pois que a moral crista deve ser a base de todo o ensino religioso, cuja liberdade, porém, reconhece como um direito imprescindível. Aceita a colaboração com o Estado de institutos particulares, quer no ensino primário, secundário ou técnico, garantindo ao ensino superior aquela autonomia que a monarquia já providentemente encetara».

*

Agora comentando:
1.º — Que importância tem o teor disto?

No que podemos tomar como *considerandos*, diz coisas bonitas, música agradável, rendendo justo preito à Igreja C. na sua benéfica acção social e nacional;... —coisas parecidas com o que disse, por ex., com mestria o sr. dr. António J. de Almeida, quando foi das homenagens ao *soldado desconhecido*, da recepção do novo Núncio, etc.

Na parte dispositiva ou prática diz:

a) Que será reconhecida a hierarquia da Igreja, legalizada a sua personalidade civil e dada a liberdade do ensino da moral crista nos institutos particulares de ensino primário, secundário ou técnico.

E' muito?—Não. E' pouco para quem quer fazer monopólio de defensor dos direitos e liberdades da Igreja e a cada passo está a jogatir desdenhosa e irreverentemente do Centro Católico por se contentar com «... os minimos».

Pois isto do programa é prometer, de positivo e concreto, apenas os minimos—reclamações minimas do Centro—; ou antes, nem sequer os minimos, porque a liberdade de associação religiosa ainda se faz depender dum

acôrdo que tanto pode dar coisa rasoável, como coisa parecida com a extinta concordata—(sob a qual essa liberdade estava quasi reduzida à expressão mais simples), como até coisa ainda peor. Por isso, sob este último aspecto, que significa o programa?... x.

b) Que ao ensino superior será garantida a autonomia...

Autonomia de quem? Da acção centralizadora do Estado? Da influência da Igreja, como no pombalismo e regime liberal?... x.

c) Que as restantes relações da Igreja e do E. serão reguladas por *acôrdo*... E acordos, concordatas, já nós sabemos o que são: tanto pode haver nelas lealdade, justiça, como injustiça, expoliação, opressão exercida pelo Estado, detentor da força, sobre a I., inerte, coacta.

Significado pois do programa neste ponto, enunciado assim duma forma ambígua, vaga, indefinida, indeterminada?... x.

2) Suposta mesmo a lealdade do programa a melhor das hipóteses, quanto ao significado do teor deste documento, exprimirá ele o sentir da maioria ou parte dominante da actual geração monárquica? Ou representará apenas um *truc*, como tantas vezes temos visto nos políticos, para arranjar ao efeito, para atear e manter o fogo sagrado?... x.

3) Restaurar-se-há de facto a m. que o realise?... x.

4) Se a m. lograsse restaurar-se, resistiria, perduraria?... x.

5) Dado que se restaurasse a m. inspirar-se-hiam naquelas ideias e orientação os que de facto ditassem as leis na primeira *étape* construtiva do regime?... x.

6) Suposto ainda que a implantada m. fosse vasada nos moldes do programa, quem poderia garantir que ela, se perdesse, não mudaria na sua attitude para com a Igreja, quem? El-Rei, cujo Lugar-Tenente assinou o programa? Não; que um rei constitucional reina mas não governa. Como prova, e a mais recente, aí está a attitude e ineficácia da relutância do sr. D. Manoel, quando Teixeira de Sousa, seu primeiro ministro, fez que a monarquia, agonizante, desse, impenitente, as últimas pancadas na Igreja.

Por portaria de 12-9-1910, dissolveu a Associação do Colégio de Aldeia da Ponte. Por port. de 2-10-1910, dissolveu a comunidade do Quellas.

Mas queria mais, o desorientado ministro; queria dissolver em globo a Associação *Fé e Pátria*, que compreendia as principais casas e colégios dos jesuitas. Apresentou para isso ao Rei um projecto de decreto para assinar.

El-Rei procurou escusar-se porque entendeu «que a sua assinatura no decreto brigava com o titulo de Fidelíssimo».

Teixeira de S. remata, triunfante: «Transigi quanto ao decreto, reservando-me, como ao Soberano declarei, escolher a oportunidade para, por simples portaria, retirar a aprovação aos estatutos da Associação *Fé e Pátria*, por falta de cumprimento da lei e como estava prescrito no decreto (o tal decreto-ratoeira de Hintze Ribeiro) de 18-4-1901. (Do livro *Para a História da Revolução*, de Teixeira de S.). O episódio é honroso para o sr. D. Manuel; todavia deixa bem a cla-

OUTONO

Que árida paisagem dolorosa!
Que fúnebre mudez! Que soledade!
Era tam verde há pouco, tam viçosa...
e agora, olhai: que tétrica orfandade!

Mirradas pela dor que a tempestade
nos braços lhes depoz, insidiosa,
as árvores, são mûmias da saudade,
fantasmas de amargura silenciosa!

Parecem esqueletos levantados,
em atitudes súplices orando,
ao ceu todo apagado em esplendores!

E as fôlhas, como sonhos desterrados
espectros cadavéricos, voando
são o espelho-cristal, das minhas dores!

ARNALDO BEZERRA DE AZEVEDO.

ro como um rei reina e não go-
verna, à semilhança dum presi-
dente que...

Mas quem seria então o go-
rant do programa? os governos?
Ilusória evasiva. A este propó-
sito é duma transparência meri-
diana este trecho recente do sr.
Cons. Luiz de Magalhães:

«E os próprios programas dos
partidos são, a cada instante, do-
minados pela imperiosidade de
coisas que não tem partido, pelas
superveniências dos casos políti-
cos, económicos e sociais, que os
acontecimentos se impõem, por
essas questões de carácter con-
creto que são às vezes a essência
da vida dos povos e para cuja
solução mais influe a competên-
cia e o valor dos estadistas do
que as fórmulas políticas dum
regimen».

Que significa, pois, a rigor, o
famigerado programa, quanto á
sua integração e perduração na
problemática monarquia futu-
ra?... x.

Em suma: x x e mais x x, incó-
gnitas e mais incógnitas, enigmas
e mais enigmas. Pode pois o pro-
grama fascinar ingênuos ou espí-
ritos ávidos que estão a visionar
e anhelar *El Dorado*, como crian-
ças a emulsão de Scott; mas como
arma destinada a dismantelar o
Centro, ou agremiação política-
mente neutral para defesa dos
direitos da Igreja,—é duma inefi-
cácia infantil.

E os destemperos do sr. Sá
Pereira *et reliqui*, jogados contra
o Centro?

Tem de ficar para outra vez.

V. A.

Lugares selectos

Esta secção, sob o titulo de
«lugares selectos», é mais uma
secção para arquivo de do-
cumentos célebres, de varia-
da ordem, é mais uma docu-
mentação para a história e
por isso nem sempre refe-
rente a factos de fresca actuali-
dade, ou de doutrina que
absolutamente perfilhemos.

Dada esta explicação, que
nem deveria ser precisa, ap-
raz-nos hoje arquivar aqui,
extraído do suplemento ao n.º
5 do «*Servico d'el-Rey*», o ar-
tigo «*Discordâncias*», do Sr.
Joaquim C. de Vasconcelos,
professor diplomado, «res-
posta ao Ex.^{mo} Snr. Conse-
lheiro Luis de Magalhães».

«E-lo:
«A Acção Realista Portu-
guesa é um organismo polí-
tico que pretende, como já é
sabido, uma Monarquia nova,
tradicionalista, baseada nas
modernas formas anti-parla-
mentares. Os velhos políticos
do antigo regimen do Cons-
titucionalismo, porém, não
veem com bons olhos o cari-
nhoso acolhimento que por
todo o país vão tendo as no-
vas doutrinas políticas ga-
lhadamente defendidas pelos
numerosos adeptos da Acção
Realista».

E assim aproveitam tôdas
as ocasiões para classificar
de descabidas e inoportunas
as patrióticas e generosas as-
pirações dos que se dizem
anti-liberais.

Coube recentemente a vez
ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Luis
de Magalhães. Vamos res-
ponder-lhe em nome dos rea-
listas desta cidade.

Nós temos pelo sr. Conse-
lheiro todo o respeito que lhe
é devido como alta e nobre
figura da Causa a que ele e
todos nós sacrificamos tantos
anos de dolorosos esforços.
Se os nossos serviços presta-
dos á Causa Monárquica es-
não podem comparar com os
prestados pelo Sr. Conse-
lheiro Luis de Magalhães, não
devemos occultar que os nos-
sos sofrimentos, quer no exí-
lio, quer nas prisões, nos dão
autoridade para gritar bem
alto no campo monárquico

as nossas convicções. Sacrifi-
cou o sr. Conselheiro á Cau-
sa o seu socêgo.

Nós todos sacrificamos-lhe
mais do que era permitido,
porque lhe sacrificamos o pão
de nossos filhos.

Não nos arrependemos. Mas
também não queremos que
esse sacrificio seja convertido
em ludíbrio. E se-lo-hia se
vingassem ou fossem consi-
deradas como justas as ideias
que o sr. Conselheiro Luis
de Magalhães veio ultima-
mente defender na imprensa,
dando-nos os motivos porque,
em 1919, ele e os seus com-
panheiros da Junta Govern-
ativa restauraram a Carta.

Não, não queremos que
nossos filhos, que teem sido
vítimas duma grande tragé-
dia íntima, um dia nos lan-
cem em rosto o ludíbrio em
que caímos, acompanhando
homens que não sabiam de-
fender a Causa pela qual
nos sacrificamos e sacrifica-
remos. Era sagrado o pão que
nós lhes devíamos ter dado.

Faltamos a esse dever, por-
que mais sagrados são os
princípios pelos quais sofre-
mos no exílio e nas prisões e
que vemos hoje mal interpre-
tados pelos que defendem er-
ros que não podm voltar e
não hão-de voltar. Fazemos
uma grande violência sobre
nós mesmo falando assim em
contraposição de ideias de-
senvolvidas pelo sr. Conse-
lheiro, que, como criatura de
alto e nobre relêvo moral e
intelectual, dentro do Campo
monárquico, é carinhosamen-
te estimado por todos nós.

Mas acima da estima e da
admiração, estão os deveres
patrios e estes mandam-nos
dizer que o sr. Conselheiro
Luis de Magalhães não ser-
viu bem a Causa com as suas
afirmações, publicadas no
«Correio da Manhã».

Que infinita mágua se apo-
derou de nós ao ler os dois
artigos que o sr. Conselheiro
consagrou á defesa duma
tese verdadeiramente anti-
nacional.

Por vezes nos sentimos em
plena idealolia republicana,
arregalando bem os olhos
para não estarmos sonhan-
do. E da idealologia liberal ao
nefasto iddiferentismo políti-
co, a queda foi rápida.

«E que a grande questão, em
política,—no diz o sr. Conse-
lheiro—não é precisamente a
mecânica do governo: é antes, a
naturera, o acôrto, o abance
estadístico dos actos dos Gover-
nantes. Mais do que saber como
as coisas se fazem, importa sa-
ber o que se faz. E os próprios
programas dos partidos, são, a
cada instante, dominados pela
imperiosidade de coisas que não
têm partido, pelas supervenien-
cias dos casos políticos, econó-
micos e sociais, que os aconte-
cimentos se impõem, por essas
questões de carácter concreto,
que são, às vezes, a essência da
vida dos povos e para cuja so-
lução mais influe a competência
e o valor dos estadistas do que
as fórmulas políticas dum re-
gimen».

Lê-se isto e não se acredita.
Está aqui toda a condenação
da Causa Monárquica. Está
aquí toda a condenação da
nossa irredutível oposição ás
instituições republicanas. Es-
tá aqui a negação da própria
Monarquia como sistema go-
vernativo dos povos. O sr.
Conselheiro Luis de Maga-
lhães, após treze anos de in-
transigência monárquica,
vem-nos dizer que a solução
dos problemas políticos está
nos homens, nos estadistas e
não nas fórmulas políticas
dum regimen!!

Então para que nos dize-
mos nós monárquicos? Por-
que é que, em vez de hostili-
zarmos a República, em vez

de lhe negarmos o nosso es-
forço, a não ajudamos a bem
governar? Se é verdadeira a
doutrina de indifferentismo
político do sr. Conselheiro,
nós, os monárquicos, temos
sido criminosos contra a Pá-
tria, negando á República o
nosso apoio».

(Concluir-se-ha).

JARDIM FEMINIL

Ex.^{ma} Sr. D. Maria Alice.

Aproveitando a recomen-
dação de V. Ex.^a, ontem de-
morei-me um pouco mais e vi
passar a *Parada Agrícola*.

Achei o caso engraçado:
grupos a fiar; outros a re-
presentar malhadas, ripadas,
cegadas, roçadas; carros,
rondas, burricos de moleiros,
taurinas...

Estava eu, perto do Senhor
da Cruz. Lá ouvi duas frases
que me fizeram nervos. Uma
magricelas, de olhos incuba-
dos, quasi nua, mais pare-
cendo um espantalho ou fi-
gura de fogo, disse para um
bigorrilhas, beijorras que es-
tava a seu lado: «Olha Zeca!
Vês, Tavares? Como estes sa-
loios estão gordos e vivem fe-
liz! Não há vida como a
deles! Sempre a gemer, e es-
tão cheios de dinheiro»...

—Vamos, filha, temos de
almoçar que são duas horas
e as 4 saio auto. O Pires quer
estar no Club ás 6.

—Olha, Zeca, que não es-
queçam as caixas de laranja
e as roscas de pão de ló que
ficaram onde tomamos aque-
les cálices de vinho, é mesmo
como o de Margaride. *Moder-
na*, não esqueças.

E sumiram-se.

—Conheces a lambona das
laranjas? diz um homem mo-
reno, muito penteado, para
uma mulher vermelhaça, sua
esposa com certeza.

—Não. Quem são eles, Fino?

—É a filha dum almocreve
de Fafe. Foi para Lisboa e
agora é mulher daquele figu-
rão que é não sei que na po-
lítica.

—Fino, olha o que vai de
oíro naquelas patêgas! Como
cantam! Não vir hoje o bol-
chevismo!

Estoiram de farras e a gen-
te...

—Adeus, Snr. Fino! Por is-
so!... Bem podia eu esperar
para me fazer a barba...

—Sabera V. Ex.^a, Snr. Dr.,
que vim gosar um pouco.
Estive em Braga dois dias,
em St.^a Luzia, quatro é aqui
demoro-me até segunda. Para
a semana fico no Porto, ás
ordens de V. Ex.^a

Eram horas de deixar Bar-
celos. Em frente á cadeia,
ainda ouvi: — «Então, Snr.
Abade, que diz á parada?»

Imponente, não? Barcelos
chega ao peso. Este Snr.
Conde é um homem»...

—Sim, amigo... Arêlio,
(se é que ouvi bem) isto no
seu gênero não esteve mal,
estive até muito bem; mas
significa muito trabalho, mu-
ito incômodo, muita despesa.
E' um sacrificio para os ami-
gos e respeitadores do Senhor
Conde. Ele pode sentir-se sa-
tisfeito.

E', como sabemos, a alma
de tudo isto. E venceu em
toda a linha, apesar de cer-
tos amigos de *Peniche*... Isto
segundo as más linguas...
Mas quer que lhe diga a mi-
nha opinião?

Aprecio ainda muito mais
tina exposição. Parece-me
que é de mais utilidade e van-
tagens práticas»...

Sabe o que me apeteceu,
minha Ex.^{ma} Snr.^a
Canjar as mãos na filha do
almocreve, dar-lhe quatro

abanos valentes e dizer-lhe:
«Respeita o lavrador, atrevi-
da, que ele é um benemérito
da Pátria! Trabalha, moureja,
de dia e de noite, sua e tres-
sua e come frugalmente. O
seu alimento quasi se limita
a pão e caldo. Respeita o tra-
balho, parasita inútil, nociva
até!

E á vermelhaça mulher do
barbeiro, dar-lhe um empur-
rão *geitoso* que fizesse rodar
aquela pipa na calçada e gritar-
lhe: Trabalha e poupa,
meu mostrengo. Olha que
aquele oíro significa a econo-
mia aturada de muitas gera-
ções.

Além disso, é o de tôdas as
parentes, vizinhas e amigas.
Cantam, são alegres? E' o
fruto da paz de consciência
e de quem não tem ambições.

Havendo saude e graça de
Deus, não falta nada.

E olha que, em alguns ca-
sos, falta a saude porque fal-
ta a graça de Deus. O bolche-
vismo dou-to eu... Quem te
fizera andar um dia inteiro a
cegar centeio no meio do
campo, ou a roçar no mon-
tel... Olhai que se esses ho-
mens, se essas môças vão
tendo alguma coisa de mau
é porque o aprenderam de
vós. Fazeis mais mal na so-
ciedade do que cães dana-
dos...

O único meio de podermos
fazer calar todos estes que
nos olham com escarneo, é
juntarmos-nas, entrar-mos pa-
ra sócios do nosso Sindicato
Agrícola, conclui eu.

Receba os meus respeitosos
cumprimentos, Snr.^a D. Ma-
ria Alice.

De V. Ex.^a at.^a ven.^a e obg.^a

Uma cachopa da aldeia.

Crónica Alegre

Dá licença, senhor Director?—
Que é feito do Zezão?—Porque
é que o Zé Chorão deixou de
ser Zé Chorinca. Qual o seu
programa.

Senhor Director:
Ao dar pelas frequentes fugi-
dela do Zezão, que me parece
estar saindo um grande marau,
deixando-nos tantas vezes sem
bichas, nem foguetes, o que me
tem feito, como a muito boa ge-
nte, dar um cavaco sério, vieram-
me cá as minhas aquelas de pe-
dir a Vossoria o favor de me
deixar deitar no seu periódico
de vez em quando a minha espí-
chadela, que é como quem diz,
mostrar as minhas habilidades de
escrevedor de gazetas, em estilo
de chora-casas, substituindo-o
assim a ele, que sempre escreve
em estilo de vai-te rir...

Ah, senhor Director! Quando
me chegam cá certos febres, não
é preciso sentir a mostarda no
nariz para espirrar e brandir,
como um cafitá, a minha rica

pêna, comprada, há anos, na fei-
ra das Cruzes, pela saudosa quan-
tia de dez reis, sem ser de mel
coado, que valiam muito mais
que os chavos de agora!

E mesmo, não imagina Vosso-
ria como isto me faz bem cá ao
cocuruto da cabeça da torre dos
piólhos! A gente bater na arca
do peito, todo cheio de basófia,
a dizer, como se fosse alguém:
«Eu cá sou jornalista!; ou então,
ao passar, todo triques, por uma
rua, ver aparecer a uma porta a
penca respeitável dum cidadão,
que diz para os que estão dentro
de casa:—«Ali vai o Zé Chorão
que, em vez de escrever com o
pé, como tantos fazem, escreve
co'a mão!», macacos me mordam
onde não me cheguem com o
dente, em como isto é da gente
ficar num sino, sem ser pendu-
rado no badalo!

Não que cá o Zé Chorão já
não é a primeira vez que tem a
consolação e a honra de rabiscar
cá na «Acção»! E olhe que, di-
zendo isto, não brinca, porque
já aqui gafafunhou com o nome
de Zé Chorinca!

Mas isso era quando era crian-
ça pequena, tempo que não tor-
na a vir, porque já passou, e em
que lhe bastava fazerem-lhe uma
carranca feia, para ele, fazer logo
beicinha, e deitar por cada olho
cada lágrima, que até lhe ficava
muitas vezes pendurada na pon-
ta do marco que a gente tem
abaixo da testa, assim como o
orvalho nas couves do quintal, e
que ele tinha o cuidado de lim-
par á manga do casaco ou ao
lenço de cinco pontas... que
agora que já é moço grande, já
não chora assim por dá cá aque-
la palha, mas só quando o fazem
emperreecer!... Ah! então, cada
olho parece um rio de pranto,
em que muitas vezes tenho medo
de me afogar a mim e as máguas
dos outros!

Por isso, deixei de ser o Zé
Chorinca para ser o Zé Chorão.
Não acha que eu que tenho
ideias, sem ser idiota, senhor Di-
rector?

Pois mais ideias ainda há-de
ver, se Vossa Senhoria me der,
de vez em quando, um cantinho
na sua gazeta, para fazer caras
feias a certos maraus que por aí
andam a fazer de meninos boni-
tos...

E que louvem a Deus, enquan-
to forem só caras feias, porque,
se me afinarem muito a rabeca,
sou capaz de os fazer deitar, a
eles, por um olho azeite e por
outro vinagre!

Era queijo, não sr. Director?
Desculpe a massada do
Zé Chorão.

Raid Lisboa-Macau

Os barcelenses, impressionados
com as nossas autênticas glórias
pátrias, tem ocorrido a subscree-
ver, onde listas se encontram,
para auxiliar as enormes despe-
zas com este raid, no qual estão
empenhados os esforçados por-
tugueses Sarmento Beires e Bri-
to Pais, que de louros querem
entretecer a já gloriosa bandeira
de Portugal.

AINDA A PARADA AGRÍCOLA

Não discorde do que, a este propósito, diz um soldado russo no último número da Acção Social. É pena que a elite da lavoura se não haja interessado mais ainda, nesta festa sua; mas houve mais honrosas excepções, do que as casas de Azevedo e Benfeito. Assim: o numeroso e bem ordenado grupo do Campo deve-se aos cuidados do representante da nobre casa do Rato e da casa Duarte Pinheiro, não faltando a boa vontade e serviços do regedor.

É possível que outras casas importantes tenham, como estas, conservado oculto o seu concurso.

Destas sei eu.

R. N.

ADIVINHA POPULAR

Não tenho nem mãos nem pés,
Não sou ninguém; e sem embargo
Garanto, aperto, retenho,
E o que retenho não largo.

Que podem lá contra mim
A água, a trovoadra,
Ou até o próprio fogo?
Com certeza nada, nada.

Há por isso muita gente
Que, não se fiando em espingarda
Ou qualquer outro poder,
Se confia à minha guarda.

Decifração da última publicada: — *Avê-Maria*.

Distribuição de prémios
— DA —
PARADA AGRÍCOLA

Carros

- 1.º—Da Câmara Municipal, um sulfatador, a Adelino Padrão, de Alvelos—carro de caça.
- 2.º—Da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Norte, um sulfatador, ao Padre António Miranda, de Quiraz—carro com uma eira e seus acessórios.
- 3.º—Do Sindicato Agrícola de Barcelos, um descarpador de milho, ao carro do mesmo Sindicato.
- 4.º—Da Associação Comercial, um distribuidor de adubos—ao carro da pedreira, de Gilmonde.
- 5.º—Da Comissão das Festas, uma torpilha—ao carro da Quinta de Vilar.
- 6.º—Da casa Sciel, um saco de adubo "Trevo de 4 Folhas"—ao carro da Silva, de João de Brito.
- 7.º—Da casa Sciel, um saco de adubo "Trevo de 4 Folhas"—ao carro de Vila Frescainha, de Manoel Faria.

Prémios em dinheiro

- 40\$000, ao carro das culturas do Padre Domingos Pinheiro, de S. Pedro de Alvito.
- 40\$00, ao carro do fabrico de manteiga, de Firmino do Vale Lima, de Creixomil.
- 40\$00, ao carro da espadelada, de Domingos de Faria, de Moure.
- 40\$00, ao carro da Saboaria Barcelense.
- 40\$00, ao carro do alambique, de Luís F. Coelho, de Vila Cova.
- 40\$00, ao carro da Barca do Lago, do Padre Joaquim Gaiolas.
- 40\$00, ao carro com um engenho, de Encourados.
- 40\$00, ao carro da charrua de Camil, de J. A. Fernandes.
- 40\$00, ao carro da meda de palha.
- 40\$00, ao carro de milho, de Manoel Martins, de Santa Eugénia.
- 40\$00, ao carro dos caiadores, de Barcelos.

Grupos

- 1.º prémio—50\$00, ao grupo de trabalhadores de Salvador do Campo.
- 2.º prémio—30\$00, ao grupo de sulfatadores, de Silveiros.
- 3.º prémio—30\$00, ao grupo das doceiras.
- 4.º prémio—20\$00, ao grupo das padelras.

5.º prémio—30\$00, ao grupo de moleiros.

Tunas

- 1.º prémio—50\$00, á de Airó.
- 2.º prémio—30\$00, á estúrdia de Creixomil.
- 3.º prémio—30\$00, á estúrdia de Carapeços.

Gado

- 1.º prémio—50\$00, á vaca leiteira de raça barrosa.
- 2.º prémio—50\$00, á vaca taurina, de Cristelo.
- 3.º prémio—30\$00, á novilha taurina, de D. Luís de Távora.

Juntas de bois

- 1.º prémio—50\$00, á junta de Manoel Figueiredo, de Alvelos.
- 2.º prémio—40\$00, á junta de José Ferreira, de Sequiade.
- 3.º prémio—30\$00, á junta de Arménio Freixo, de Vila Gova.
- 4.º prémio—25\$00, á junta de Manoel G. da Cruz, de Gilmonde.

Poldros

- 1.º prémio—30\$00, ao poldro de Paulo Ferreira, de S. Pedro de Vila Frescainha.
- 2.º prémio—25\$00, a António Fonseca, de Remelhe.

Poldras

- 1.º prémio—30\$00, á poldra de António Fonseca, de Remelhe.

Garranos

- 1.º prémio—30\$00, ao garrano de António Arantes, de Balugães.

Cabras

- 30\$00, ao rancho de Joaquim de Magalhães, e Barcelinhos.

Ecos e Noticias

Companhia de Opereta

Consta-nos que se propõe vir a Barcelos, para realizar dois espectáculos no Teatro Gil Vicente, a grande Companhia de opereta dirigida pelos consagrados artistas João Alves da Silva e João da Silva Júnior, de que fazem parte distintos actores de teatros de Lisboa.

Em face do que succedeu ultimamente com a Companhia Maria Matos e Mendonça de Carvalho, uma das melhores empresas teatraes que tem vindo á provincia, arriscado é trazer ao nosso teatro companhias compostas de bons artistas, visto que o público não corresponde aos encargos que oneram esses contratos.

Se tivermos em conta os preços do Pôrto e de outros teatros do país, ninguém pode deixar de considerar que para os espectáculos Maria Matos e Mendonça de Carvalho os lugares não tiveram preço alto; pelo contrário, foram relativamente módicos. No Pôrto, um lugar na plateia custa para cima de 15\$00, e em Barcelos, os preços foram de 8\$00.

Ainda temos conhecimento de que pretende vir ao nosso teatro uma Companhia de revista, que no Pôrto tem feito sucesso retumbante e que é constituída por artistas escolhidos e de renome, em número superior a 30, com orquestra própria.

—??

Depois de composta esta noticia, tivemos conhecimento de que a direcção da Empresa Teatral Gil Vicente fechou contrato com a grande Companhia de Opereta para três espectáculos no nosso teatro, nos dias 28, 29 e 30 do corrente mês, em que se exhibirão as peças de grande successo e esplêndida música, *Casta Suzana*, *Viuva Alegre* e *Soldado de Chocolate*, no intuito de oferecer aos barcelenses um novo género de espectáculos.

A direcção do teatro, animada de boas intenções e desejosa de tornar Barcelos visitado por companhias de bom teatro, oferece, assim, ao público barcelense três esplêndidas noites de arte. Resta que os barcelenses a animem a levar por diante os seus bons propósitos.

Orfeão de Vila do Conde

Visitou-nos, no último domingo, este apreciável grupo vila-

condense, que foi recebido com muito agrado e simpatia e que deixou em todos impressões agradáveis, pelo seu porte e conduta.

Deu-nos uma noite alegre no Teatro Gil Vicente, que se achava repleto de espectadores, que manifestaram a sua simpatia ao novo grupo coral.

Apresentou-o o sr. dr. Bernardino Andrade e agradeceu o bom acolhimento que Barcelos lhe dispensou, o sr. dr. Artur Araújo, muito digno presidente da direcção do grupo visitante. O grupo coral, conquanto pouco numeroso, cantou bem, sob a direcção do seu ilustre maestro, sr. Pinto de Queiroz, tendo de bizar alguns números; e o grupo scénico foi também muito apreciado na revista *vilacondense*, "Ordinário!... Marche!..." bem urdida pelo seu ilustre autor, sr. dr. Eugénio Pimentel.

A falta de espaço inibe-nos de alongar esta noticia, não deixando nós, porém, de manifestar as nossas boas impressões quanto ao grupo orfeônico da linda praia de Vila do Conde.

Taxa anual e taxa complementar

Na tesouraria de Fazenda, acham-se á venda os impressos destinados ao pagamento destas taxas. Termina hoje o prazo para a sua entrega.

Exames

Em cumprimento do n.º 32 das Constituições diocesanas, realizam-se, nos dias 19, 20 e 22, no escritório arcepresbital, os exames de Teologia Moral, Pastoral e Mística, Direito Canónico e Liturgia, para o clero deste arcepresbital a eles sujeito.

Circo Olimpia

Realiza-se, no dia 22, a festa artistica dos conhecidos artistas Quico and Calmarza, que tanto successo tem obtido neste circo. Esta festa é dedicada ao União Foot-bal Barcelense e é coadjuvada por amadores da terra.

Casamentos

Pelo sr. tenente Sousa Pinto, foi pedida em casamento a sr.ª D. Lúcia do Amor Divino Pereira, filha do acreditado industrial Fernando António Pereira, de Barcelinhos, para o sr. Guanito Ballester, digno empregado da fábrica Juan B. Domeneck.

O enlace realiza-se muito brevemente.

Apetecemos aos simpáticos noivos as mais ridentes felicidades.

Também foi pedida em casamento pelo sr. Francisco Paula dos Santos, negociante e proprietário em Barcelinhos, a sr.ª Ana Gomes de Faria, filha do industrial e proprietário, sr. Herminio Gomes de Faria, para o sr. Rodrigo Pereira, filho do sr. Francisco Pereira, de Barcelinhos.

O enlace deve realizar-se em breve.

Lista dos novos subscritores anuais da Sopa dos Pobres

O sr. Abel Corte Real... 60\$00
Luís Fernandes Pinheiro... 30\$00
Oscar Alcáda... 30\$00
Candido Gonçalves Pereira... 30\$00
Manuel Leão... 30\$00
Augusto Soucasaux... 60\$00
Fernando C. d'Albuquerque... 12\$00
Antero de Faria... 12\$00
Avelino Sousa... 30\$00
Pedro Vasconcelos... 30\$00
José Luís da Silva... 30\$00
D. Maria Miranda Bastos... 12\$00
D. Aurora Lino... 30\$00

N. S. do Livramento

É no próximo domingo que, na freguesia de Fragoso, se realiza uma festividade religiosa em honra de N. Senhora do Livramento. Além da festa de igreja e procissão, há arraial, onde tocarão duas bandas de música, que costuma ser muito concorrido.

Despacho

O ilustre Secretário de Finanças, sr. António Eduardo de Sousa, dignissimo e sempre muito atencioso, por ter completado

o octênio do lugar de chefe de repartição de Finanças neste concelho, foi transferido para a direcção de Finanças no distrito do Pôrto,

Para este concelho, foi transferido o sr. Roque António Lopes da Silva, secretário de Finanças de 1.ª classe da direcção de Finanças do distrito do Pôrto.

Sentimos a ausência do distinto funcionário, sr. A. Eduardo de Sousa, que, durante a sua estada nesta vila, conquistou a estima e consideração gerais.

Espozende, 12

No próximo domingo, 18 de maio, tem lugar, na freguesia de Gandra, a festa do S.S. Sacramento. Prêga o dig.º Abade de Maximinos (Braga) Sr. P.º Luís Portela.

—A Conferência de S. Vicente de Paulo, de Fão, recebeu ultimamente um importante donativo do benemérito filho dessa povoação, Sr. Manoel Pinheiro Borda, que no Brazil segue a carreira comercial.

Por esse motivo, aquela associação de Caridade resolveu criar a sopa dos pobres diária, em favor principalmente de crianças. Com a admissão de 9 pobres foi inaugurada aquela distribuição, no dia 11, no Hospital-Asilo de Fão, cuja direcção cedeu obsequiosamente a casa para esse fim. A distribuição assistiram as Senhoras da Conferência, que serviram a refeição, o pároco, Sr. Provedor da Santa Casa e outros membros da mesa. Foi um verdadeiro dia de alegria para os contemplados.

O concelho de relance

Conto (S. Tiago), 4.

De visita a sua Ex.ª família, estiveram nesta freguesia o Ex.º Sr. Feliz da Cunha Barbosa, sua dedicadíssima esposa, cunhado Ex.º Sr. Carlos Barbosa e vários outros cavalheiros, todos primando pela delicadeza, com que aceitaram a visita pascal beijando reverentemente a imagem de Jesus e como receberam o Rev. Pároco da freguesia, pensando-lhe com toda a generosidade as máximas atenções. Vimos, a despedirem-se de tão ilustres visitantes, o Ex.º Sr. Domingos da Cruz Pias, de Salvador do Campo e o Rev. Pároco da freguesia.

—Tem corrido bom tempo para a agricultura, se bem que os vinhedos já vão sendo atacados pelo mildiu, convidando á primeira sulfatagem, sem delongas.

—Já está quasi restabelecida dos seus incómodos graves a Sr.ª Ana da Cunha Barboza, esposa do nosso amigo João Rodrigues do Vale Júnior.

—O exercicio do mês de Maria segue com toda a devoção e regularidade, com concorrência de fieis.

Ao novo sacerdote muitos parabéns com sinceros votos por um futuro cheio de felicidades no desempenho da sua missão.

—Na tarde do mesmo dia, houve a festa do Senhor Bom Jesus, prégando o ilustrado orador P.º José Dias, com o agrado de todos.

A parte coral foi executada por um grupo popular de 90 pessoas, sob a proficiente direcção do Rev.º Sr. P.º Alaio, deixando em todos muito boas impressões.

—Tem estado em Fão, onde veio assistir á missa nova do seu amigo P.º Avelino Borda, o Rev.º Sr. P.º António Alberto Ribeiro, de Guimarães.

—Retirou para Braga o Rev.º Sr. P.º Manuel Alaio, dig.º professor de Canto no Seminário e Liceu de Braga.

—Para a mesma cidade seguiram a frequentar o Seminário o P.º Avelino Borda, Carlos Lima e Julio Cubelo.

—No dia 8, é aqui esperado o

Ex.º Rev. Senhor Arcebispo Primaz, que vem fazer a visita anual ao Clero deste Arcepresbital.

—Está para breve o casamento do Sr. Dr. Bernardino José Fernandes Ribeiro, Médico muito distinto, com a Ex.ª Senhora D. Maria Amélia Monteiro G. Simões, Senhora muito prezada, residente no Pôrto.

Abade de Neiva, 12.

Chegou á sua casa de Quintão, com demora de alguns meses, a sr.ª D. Constança Pacheco, de Vila do Conde.

—Fez-se, no último domingo, a hora mensal de adoração eucarística, por ocasião dos exercicios do mês de Maria.

—Passam bastante incomodados de saúde os snrs. Manoel José da Silva, de Quintão, e Manoel de Matos, do Barreiro.

—Foi acometida duma congestão cerebral a sr.ª Brizida Emilia Pereira de Matos, de Quintão, que felizmente tem experimentado melhoras.

—Como preparação para a 1.ª comunhão solene, tem havido, em todos os dias deste mês, doutrina para as crianças que a querem receber.

Carapeços, 12

Ontem com o nome de Armin do foi baptisado um filho de Sr. José de Carvalho. Foram padrinhos João de Vilas Boas, e Arminda Rodrigues.

—No mesmo dia, com o nome de Joaquina baptisou-se uma filha do nosso amigo Antonio Ferreira da Costa. Foram padrinhos Manoel Vaz Correta e Joaquina Pereira da Silva.

—Também recebeu o mesmo sacramento uma criança, filha do Sr. David Gonçalves Vilas Boas. Foram padrinhos David Rodrigues da Silva e Emilia Rodrigues da Silva.

—Ainda recebeu as lustras do baptismo Joaquim filho de Agostinho Alves Coutinho, sendo padrinhos Joaquim Rodrigues da Silva e Maria Pereira da Silva, da freguesia da Silva.

O Sr. Abade já estava fatigado pois para ele foi um serviço extraordinario, atendendo á sua saúde.

—Foram a Viana, em cumprimento dum voto, o Sr. Manelino Ferreira d'Andrade e Sousa e sua esposa Maria Exposta. Ti-veram boa viagem.

COMARCA DE BARCELOS

Editos de 30 dias

Para o inventario de Ana Rosa d'Amorim, viuva, de Jose Antonio d'Oliveira, que foi da freguesia de Mariz, desta comarca, citam-se por editos de 30 dias os interessados ausentes no Brazil, António Jose d'Oliveira e mulher, tendo-a, e Adelino de Oliveira Soares, casado, com Ana Soares, de Mariz.

Barcelos, 23 d'abril de 1924.

Verifiquei:

O Juiz de Direito.

B. Sousa Brito.

O escrivão do 5.º officio,
António de Faria Lopes.

ALFALATARIA BARBOSA

Campo da República

Grande sortido de casemiras nacionais e estrangeiras para fato sobretudo e gabardinas assim como um enorme sortido de fatos e sobretudos de criança desde 33\$00

PERFUMARIAS

Artigo fino, em loções para cabelo, na **Companhia Editora do Minho**

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papéis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

—BARCELOS—

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudezas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.^a

Barcelos

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,